

<http://dx.doi.org/10.14393/HeP-v31n58-2018-16>

**PROJETOS DE HISPANO-AMERICANISMO
ENTRE INTELLECTUAIS ESPANHÓIS E PORTUGUESES:
Ganivet, Unamuno e o integralismo lusitano***

*Felipe Cazetta***

RESUMO: O artigo analisa a circulação de projetos políticos entre autores espanhóis e portugueses situados entre os finais do século XIX e início do XX, período de maior percepção da decadência de seus países no cenário internacional entre os intelectuais ibéricos. Assim, serão utilizadas obras e periódicos que contenham os projetos políticos defendidos por Ganivet, Unamuno e António Sardinha. Tais fontes serão analisadas a partir da história transnacional e da história do pensamento político. Tem-se como resultado a evidência da heterogeneidade e da complexidade no diálogo entre intelectuais acerca de projetos políticos.

PALAVRAS-CHAVE: Político. Intelectuais. Internacionalismo.

ABSTRACT: The article analyzes the circulation of political projects between Spanish and Portuguese authors located between the late 19th and early 20th centuries, a period of greater perception of the decline of their countries in the international scenario among Iberian intellectuals. Thus, works and periodicals that contain the political projects defended by Ganivet, Unamuno and António Sardinha will be used. These sources will be analyzed from the transnational history, and from the history of political thought. The result is evidence of heterogeneity and complexity in the dialogue between intellectuals about political projects.

KEYWORDS: Political. Intellectuals. Internationalism.

As investigações em história colocam com frequência o pesquisador no dilema acerca dos limites da intencionalidade dos produtores dos documentos investigados. Os conflitos entre os contextos do historiador e do objeto de pesquisa, assim como as possibilidades de projetos políticos e tomadas de decisão mantidas pelos alvos das pesquisas, demonstram os impasses ao se abordar, entre outros objetos de investigação, os intelectuais e seus textos políticos.

Há uma gama de informações, símbolos, valores que são vetados e perdidos na passagem da apresentação oral e contemporânea para o suporte fixado na escrita (CHARTIER, 1998, p. 28). Além disso, por vezes, ao se apropriar, reeditar e/ou traduzir a obra para outra língua ou país, se processam rupturas do contexto de produção com o seu texto original.

Este aspecto causa transtornos à atividade do pesquisador que se propõe à investigação da permeabilidade de textos e projetos políticos de maneira internacional. Por vezes, acredita-se de modo equivocado que esta “partilha” de textos ocorre de modo espontâneo e isento de intencionalidade. Tal conclusão é sustentada em função da omissão ou indiferença aos interesses presentes nos intercâmbios, assim como no desconhecimento do contexto em que foi gerada a obra, e da iniciativa que a levou a ser deslocada de seu espaço e momento de produção e levada para outro idioma, outro suporte ou projeto editorial.

* Este artigo é resultado de pesquisa particular, portanto, sem financiamento público.

** Professor de História Moderna e Contemporânea. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

Como esquivar-se do exercício de crença hermenêutica, e evitar deslizes anacrônicos criados pelos fatores destacados, ou mesmo pelo próprio intelectual pesquisado no intuito de ter posse da construção de sua trajetória e reorganização racional de suas memórias? J. G. A. Pocock observa a importância do pesquisador se cercar de indícios fornecidos seja pela *performance*¹⁴⁷, seja por textos alternativos aos eixos centrais da pesquisa. Todavia, alerta para a existência de indícios “não confiáveis e traiçoeiros, mas ainda assim, utilizáveis, em outros textos do autor ou em correspondência privada.” (POCOCK, 2013, p. 27). Outra iniciativa para minorar os riscos apresentados pela pesquisa de modo geral, e a história intelectual com ênfase à transnacional especificamente, consiste em “trabalhar para elevar a consciência e o conhecimento das leis de funcionamento dos diferentes campos nacionais, já que a probabilidade de deformações do texto aumenta quanto maior a ignorância do contexto”, conforme assinalou Bourdieu (2002, p. 9).

Não se trata, portanto, de uma busca obcecada por erigir muros e blindar o objeto de pesquisa (textos, coleções, edições, traduções ou projetos políticos) de qualquer trânsito fora de seus locais de produção. Consiste sim no incentivo ao pesquisador revestir-se dos indícios, ao estar atento às intencionalidades das ações dos indivíduos envolvidos em tais apropriações, para “religar os cabos que as historiografias nacionais arrancaram e submeter os elementos assim reunidos a uma leitura global que os fala dialogar entre si, e não somente com a Europa” (GRUZINSKI, 2012, p. 56).

Não é raro encontrar citações diretas ou indiretas, que ressaltam o escasso contato estabelecido entre países latino-americanos; ao envolverem-se com Portugal e Espanha; ou mesmo entre os países ibéricos propriamente. Arnaldo Saraiva (2004, p. 21), no intuito de confrontar tal interpretação, expunha que, entre intelectuais “a idéia generalizada de que no período em que se afirmam os modernismos de Portugal e Brasil foram interrompidos, ou quase, os contatos literários entre os dois países, [...] é uma ideia que já nesse período defendiam vários modernistas brasileiros.” Por outro lado, as relativizações destas fronteiras devem ser definidas de forma apurada, visto que o desconhecimento, o estranhamento ou a indiferença, em certa medida, se fez presente de fato em determinados momentos, entre os intelectuais de países ibero-americanos.

Isto se confirmou nos clamores de João Ribeiro ao diretor e proprietário da revista *América Brasileira*¹⁴⁸, Elísio de Carvalho. Na carta aberta, havia a solicitação para que fosse criado espaço para autores latino-americanos de língua castelhana: “Se estas linhas puderem comovel-o estou que a sua revista de actualidades abrirá com esta carta, que é a expressão de franqueza, um novo caminho ás relações intellectuaes entre latinos do nosso continente.” (RIBEIRO, 1922, p. 38). Portanto, tais clamores eram indícios da carência de diálogos existentes entre os latino-americanos de fala portuguesa e castelhana.

Deste modo, a proposta do artigo é estabelecer as relações de apropriação de projetos políticos entre intelectuais do mundo ibérico, porém contemplando preocupações aos diálogos de portugueses e espanhóis à relação com os países latino americanos em seus projetos de hispanismo. Há o interesse em perceber as discontinuidades, as divergências e os ruídos presentes nos diálogos para a composição do ideário político de hispano-americanismo, através dos vestígios apresentados pelo contexto, assim como fornecido pelos próprios

¹⁴⁷ Performance: “ocasião em que os próprios usuários da linguagem comentam seu uso criticamente, reflexivamente, por meio da linguagem de segunda ordem por eles desenvolvida com esse propósito.” (POCOCK, 2013, p. 35).

¹⁴⁸ A revista *América Brasileira* foi lançada no Rio de Janeiro em dezembro de 1921 e suas atividades encerradas em dezembro de 1924. A revista reunia um grupo eclético de pensadores, amalgamando gerações e tonalidades político-ideológicas das mais variadas, indo de Rocha Pombo a Sérgio Buarque de Holanda. A oposição ao liberalismo, adotado pela República, era um dos poucos aspectos comuns entre o grupo de colaboradores da revista. Embora os artigos, por vezes, demonstrassem discordância entre seus autores, os intelectuais que compuseram a revista possuíam o Estado forte e centralizado como projeto político comum. Sob tais perspectivas, a revista nutriu estreitamento de laços com a *Nação Portuguesa*, órgão de divulgação do Integralismo Lusitano. *América Brasileira* possuiu periodicidade mensal, sob a direção de Elísio de Carvalho. A revista assumiu como subtítulo: “Resenha da Actividade Nacional” até janeiro de 1923. Após este número, o subtítulo alternou-se entre o já apresentado e “Resenha da Vida Nacional” (cf.: CAZETTA, 2014).

autores envolvidos, com o objetivo de melhor conectar os fios rompidos pela historiografia nacional, para utilizar a metáfora proposta por Gruzinski (2012, p. 56).

Iberismo e Hispanismo: as alternativas ao “Desastre” e ao *Ultimatum*

Em tese de doutoramento, Paulo Bruno Ferreira disserta sobre a proposta de iberismo, surgida em meados do século XIX, da qual oferecia alternativa para a retirada de Espanha e Portugal da decadência especialmente econômica que os dois países foram acometidos (FERREIRA, 2016, p. 43). Dentre as várias propostas, estavam presentes desde modelos de repúblicas federadas até uniões monárquicas.

O projeto era revestido pela heterogeneidade em suas colorações políticas e finalidades ideológicas. Assim, alguns dos autores que viveram entre meados do XIX e início do XX em Portugal e Espanha acreditavam na comunhão identitária, e, com menor incidência, na unificação territorial, seja pelos vínculos culturais ou pela identidade “espiritual”. Deste modo, os pensadores ibéricos projetavam a unidade entre si, e o vínculo com as ex-colônias existentes no continente americano, e, com menos insistências, às da África.

Os projetos da retomada de diálogos entre os países ibéricos e suas ex-colônias emergiu em contexto de declínio de Portugal e Espanha no peso diplomático internacional. Se Portugal passava por constrangimentos aos projetos imperialistas ao sul da África, impostos por Lord Salisbury, primeiro ministro inglês no final do século XIX, a Espanha lamentava a independência de suas últimas possessões territoriais além-mar e cooptação destas ao raio de influência dos EUA. Deste modo, como será visto, António Sardinha, em Portugal, e Ganivet e Unamuno, em Espanha, estabeleceram, cada qual ao seu modo, planejamentos para retomar o papel central de seus respectivos países perante o mundo.

Tais propostas condensaram em seu interior intencionalidades inscritas historicamente, portadoras de elementos que inspiraram os projetos políticos de conectividade com o mundo hispano-americano em oposição à expansão anglo-saxã sobre as antigas colônias dos países ibéricos. Nestes termos, Pocock chama a atenção para os indícios oferecidos pela linguagem, veículo dos discursos emitidos por estes autores, visto que “ela deve possuir e prescrever um passado constituído pelas configurações sociais, acontecimentos históricos, valores reconhecidos e modos de pensar sobre os quais ele pode falar” (POCOCK, 2013, p. 37).

Tais propostas, portanto, remetiam ao colapso do império espanhol (marcado pela denominação, ao final do século XIX de “Desastre”, com a perda de territórios entre os quais a ilha de Cuba no Caribe e as Filipinas no Pacífico) e a vulnerabilidade econômica e geopolítica que Portugal experimentava. Este cenário mobilizou a diplomacia e parcela relevante dos intelectuais dos países ibéricos a aproximarem-se dos Estados latino americanos, pelos vínculos de “fraternidade” ou “parentesco” costurados historicamente, em reação ao poderio anglo-saxão crescente. Havia o interesse em difundir a retórica de disseminação da civilização, inscrita nas esferas do cristianismo e do hispano americanismo.

Parte dos autores, escritores e intelectuais, de modo geral, que presenciaram essa fase de desmoronamento do Império, na Espanha, compuseram a chamada “Geração de 1898”. Nesta, o vínculo estava na tensão entre a necessidade de modernização, porém, com o risco de perder a tradição e a identidade espanhola (GOUVEIA, 2011, p. 2). Maria Helena Capelato aponta tal geração como anticlerical e antimilitarista (CAPELATO, 2003, p. 37). Todavia, devemos examinar as tensões internas a este grupo, atentando para a criação, *a posteriori*, da expressão “Geração de 1898”, por Ortega y Gasset, em 1913 (CAPELATO, 2003, p. 39).

Quer se dizer com isso que não possuíam trajetória linear nem formação intelectual similares. Se, entre os anos de 1897 e 1900, Miguel de Unamuno se dedicou a estabelecer projeto de modernização à Espanha, o impacto do “Desastre” fez que investisse, posteriormente, em buscar identificar o que havia de específico entre os vizinhos e o mundo

hispânico, além de passar a condenar a crença cega na ciência e no progresso (ROBERTS, 2004, p. 61).

Tais propostas refletem-se na redefinição da construção histórica sobre o estatuto colonial: Angel Ganivet¹⁴⁹, por exemplo, repudiava a ideia de que as colônias eram formas deliberadas de enriquecimento metropolitano; do contrário, sustentava que o sistema de colonização lançado pela Espanha era economicamente deficitário, e não seria válido, exceto pelo aspecto da difusão da civilização, “posto que colonizar não é ir ao negócio, mas civilizar povos e expandir ideias”¹⁵⁰ (GANIVET, 1897, p. 125). Tal concepção acerca dos países ibéricos como responsáveis pela difusão de civilizações foi sustentada, igualmente, por António Sardinha¹⁵¹, ao recorrer ao discurso *Madre-Hispania* – pronunciado nos “Jogos Florais” em outubro de 1924, em Badajoz, para comemoração da “Festa da Raça”¹⁵². No discurso, publicado na segunda série de *Nação Portuguesa*, Sardinha afirma: “Eis aqui o motivo bem palpável porque nós fundámos o ‘nacionalidades’, não conseguindo os outros povos que enfática e empavonadamente se intitulam ‘colonizadores’, ir além de colônias e, quando muito, de ‘Estados’, cujos fundamentos assentaram no extermínio sistemático das populações indígenas.” (SARDINHA, 1924, p. 104).

Desse modo, Sardinha dedicou o título de países “semeadores de nações” a Portugal e Espanha, em detrimento dos demais para os quais, segundo o integralista, os “fundamentos assentaram no extermínio sistemático das populações indígenas”. Tais projetos de aproximação dos países latino americanos, conforme dito, foram mobilizados pelo declínio de Espanha e Portugal, sentidos com maior evidência ao fim do século XIX. Com a perda de suas últimas possessões na América e na Ásia, os intelectuais espanhóis postaram-se a repensar os valores e significados do Império, e reagirem à expansão modernizante dos países anglo saxões, em detrimento do arcabouço humanista presente no mundo ibérico (CAPELATO, 2003, p. 38).

A partir deste cenário de crise nos países ibéricos fomentou-se a elaboração de projetos de colaboração mútua, ou de modo mais radical e excepcional, de fusão territorial (conforme apresentado por Antero de Quental¹⁵³, no final do século XIX, mas rechaçada pela maioria dos autores portugueses e espanhóis), para a busca de retirada da deterioração. Além da proposta de colaboração em diferentes níveis e formas dos Estados ibéricos, estes projetos contemplavam os Estados hispano americanos.

O “Desastre” espanhol e, antes, o *Ultimatum* britânico¹⁵⁴ a Portugal foram os deflagradores da crise de identidade do mundo ibérico perante a nova fase da modernidade,

¹⁴⁹ Angel Ganivet (1865-1898) foi escritor e diplomata, reconhecido como um dos precursores da “geração de 1898”, composta, entre outros, por Miguel de Unamuno, o próprio Ganivet e Ortega y Gasset. Segundo o próprio Unamuno (e GANIVET, 1912, p. 11), conheceram-se em 1891 quando este assumiu a cátedra de grego em Salamanca e Ganivet em Granada.

¹⁵⁰ “puesto que colonizar no es ir al negocio, sino civilizar pueblos y dar expansión a las ideas.” (Tradução livre).

¹⁵¹ António Sardinha (1887-1925) foi escritor e principal mentor do Integralismo Lusitano, movimento monarquista, tradicionalista que sustentava projetos de corporativismo, sob forte influência da *Encíclica Rerum Novarum* redigida pelo Papa Leão XIII; e marcado pela proximidade teórica com o movimento *L’Action Française*.

¹⁵² Estas festividades e comemorações foram realizadas no intuito de celebrar a o casamento dos filhos de Felipe V com os príncipes lusitanos. (SARDINHA, 1924, p. 97). Affonso Lopes Vieira expõe que o evento contribuiu para a consolidação do projeto de formar o bloco Luso-Hispano-Americano ou, o Quinto Império – conforme denominado pelo autor –, constituído por países da Península Ibérica e da Hispano América, incluindo (VIEIRA, 1922-1923, p. 147).

¹⁵³ Nascido em 1842, viveu para ver o *Ultimatum* britânico. Imiscuindo dores físicas e as desilusões (tanto pessoais quanto provocadas pelo quadro político do país), cometeu suicídio em 1891. Possuiu trajetória heteróclita, flertando com as obras de Herculano, passando por Michelet e Feuerbach, terminando em Proudhon. Em função destas leituras, assumiu atividade no campo ideológico socialista, conforme o próprio Quental descreve em sua carta autobiográfica: “Nesse ano [1871] e no ano seguinte tomei parte activa no movimento socialista, que se iniciava em Lisboa, e tanto n’essa cidade quanto no Porto escrevi bastante nos jornaes políticos.” (QUENTAL, 1892, p. XXXII)

¹⁵⁴ O projeto do *Mapa cor-de-rosa* era nutrido pelos anseios militares e mercantis de Portugal em relação aos territórios situados no centro-sul africano. No intuito de alcançar as costas Leste e Oeste da África, formando um cinturão com as possessões territoriais adquiridas, a metrópole portuguesa buscava acesso aos oceanos Atlântico e Índico. No entanto, tais aspirações chocavam-se com os anseios imperialistas ingleses, mote gerador

ao desnudar a ascensão do imperialismo capitalista com destaque ao domínio anglo-saxão, em detrimento do colonialismo ibérico. Todavia, os sinais de declínio se apresentavam ao longo do século XIX. Em Portugal, Almeida Garrett e Antero de Quental foram os faróis da crise, que será sentida com maior intensidade na abertura do século XX, porém já existente nos séculos anteriores.

Garrett não ocupou lugar de destaque apenas na literatura. Apresentou também soluções para os problemas que afligiam a Coroa na primeira metade do século XIX. Portanto, vinculou diretamente a vida literária à atuação política. Em vista das instabilidades políticas provocadas pelas lutas sucessórias entre D. Miguel e D. Pedro IV (D. Pedro I do Brasil), Garrett viveu os momentos de crise da casa de Bragança. Assim, assumiu inclinação em formular projetos e alternativas políticas, em função dos cargos ocupados na Corte de Bragança. O autor passou por dois exílios, sendo o primeiro de 1823 a 1826, em Londres, em razão da Revolução Liberalista. Ocupou colocações de destaque: deputado eleito pelas Cortes, tratou de reformas pedagógicas em Portugal; de 1834 a 1836, foi responsável pelo consulado-geral na Bélgica; em 1852, ocupou o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros. Além de literato, Garrett tinha relevância na política.

Garrett, portanto, buscava em seus discursos e escritos políticos, assim como em suas obras literárias, a restauração do “Portugal verdadeiro”. Para o poeta e político do século XIX, esta essência nacional estaria circunscrita nas áreas agrícolas. Em *O Romanceiro*, Garrett escrevia: “Campo da lide é este; aqui lidaram/Elysa, quando os nosso eram/ Lidadores por glória, - aqui prostaram/Suberbas castelhanas, e venceram: Nunca foram vencidos Portuguezes./-Este Terreno é sancto: inda estás vendo.”(GARRETT, 1851) Nestes versos, Garrett destacava a ligação do português com a sua terra, sendo esta seu local de fixação. No entanto, o poeta não deixava de ressaltar a combatividade quando este homem do campo passaria à defesa de seu país. Associando o nacionalismo ao cultivo da unidade agrária, afirmava: “Lidadores por glória, - aqui prostaram/Suberbas castelhanas, e venceram: Nunca foram vencidos Portuguezes”. Complementar a bravura em defender sua Nação e seu país, havia a contribuição de religiosidade como outra frente de defesa sendo “Este terreno sancto”.

Além de Almeida Garrett, António Sardinha levou para o Integralismo Lusitano, grupo no qual se lançou como mentor intelectual e membro fundador, Alexandre Herculano e o já citado Antero Quental, autores de posições ideológicas diversas. Estes suportes contribuíram para a composição diversificada de projetos a respeito da União Ibérica e mesmo do seu desdobramento, o hispano americanismo.

Destacam-se as distintas colorações ideológicas dos autores ou simpáticos a estes projetos. Assim, acertadamente Ferreira (2016, p. 87-88) acusa a heterogeneidade do fenômeno do hispano americanismo, rico em interpretações alternativas e em significados e níveis variáveis de vínculos para a preservação da identidade e soberania dos países envolvidos. Tais projetos tinham como objetivo fomentar a riqueza e a recuperação do posto geopolítico perdido durante o século XIX. De certo modo, o iberismo foi sintoma do mal estar vivenciado pelo mundo ibero-americano (portanto, afetando tanto seus representantes europeus quanto na América), em relação à modernidade materialista e individualista. Em oposição ao liberalismo, se ofereceu concepções revestidas pela noção de civilização, onde o cristianismo, por vezes, era considerado como parte estruturante do nacionalismo, e a família em detrimento do indivíduo. As disputas, evidenciadas no liberalismo político e econômico eram atenuadas pelo corporativismo, o patriarcalismo e a religiosidade (SCHNEIDER, 2012, p. 80).

do *Ultimatum* britânico. Este capítulo das relações entre as Coroas monárquicas de Portugal e Inglaterra provocou cicatrizes profundas na legitimidade real lusitana. Ao trazer à tona a fragilidade da soberania portuguesa, o *Ultimatum* acirrou a oposição interna à monarquia, inaugurando o ciclo de instabilidades políticas no país. Ocorridas entre os finais do século XIX e primeiras décadas do XX, estas convulsões político-institucionais culminaram no regicídio de D. Carlos I, em 1908. (cf.: CAZETTA, 2016, p. 41-42; VRBATA, 2006, p. 29).

Diante da pluralidade de coloração, o projeto forneceu potencialidade de ser apropriado para diferentes contextos, influenciando pensadores na América Latina de fala portuguesa e castelhana. O termo “hispanidade”, popularizado por Ramiro Maeztu – atuante nas concepções autoritárias espanholas dos anos 1920 e 1930, e amigo de António Sardinha quando este esteve em exílio na Espanha – arregimentou adeptos na ibero-américa. Houve a tentativa de irradiação do conceito na Argentina. Além disso, Miguel de Unamuno, quando estava no exílio, viajou por países de fala castelhana, como a Nicarágua de Ruben Darío. O que deu maior fôlego ao ibero americanismo nesses países (ROBERTS, 2004, p. 62-63).

No caso brasileiro, Gilberto Freyre foi o principal representante da proposta. Freyre, com maior destaque aos anos 1950, colocou em curso a redefinição do conceito de democracia, em relação ao qual considerava a questão política como menos importante, em projeção à questão de convivência harmônica entre a diversidade étnica. Deste modo, estabelecia-se a evolução linear através das colônias luso-africanas, Portugal como elemento de transformação e o Brasil como embrião deste contato entre portugueses, africanos e indígenas (BAGGIO, 2012, p. 119).

É importante destacar, conforme supracitado, a existência de projetos de hispano-americanismo constituídos por autores sulamericanos, como maneira de fazer oposição ao poderio estadunidense, todavia, as finalidades eram distintas, em função das especificidades nacionais ou regionais, sociais, políticas, culturais e econômicas. Por essa razão, faz-se fundamental relacionar a coerência estabelecida entre texto e contexto, tal como a *performance* destacada por Poccock, para não cair em armadilhas de projetos de denominações similares, mas com intenções divergentes.

Diante desse complexo quadro, busca-se analisar os diálogos portadores de tensões e de permanências nas propostas de pensadores portugueses e espanhóis, como recorte temático, debruçados sobre o esforço de buscar alternativas para a retirada dos respectivos países do cenário de crise. Com maior ênfase, o artigo se compromete à análise dos escritos de Angel Ganivet e Miguel de Unamuno, na Espanha; e António Sardinha e demais autores do Integralismo Lusitano, para Portugal. Na circulação de textos, há um rico diálogo entre os três, nem sempre amistoso, sobre a definição de projetos em torno da hispanidade pretendida. Embora existissem outros adeptos dessa concepção, foi possível rastrear a frequência da circulação e apropriação de significados, com maior evidência entre Unamuno, Ganivet e Sardinha, o que favorece à análise das fontes através do quadro teórico-conceitual abordado até aqui.

Ganivet, Unamuno e Sardinha: tão próximos, tão distantes

Os autores citados colocaram-se a pensar formas de retirarem seus países do cenário de decadência no qual, segundo eles, Espanha e Portugal haviam se inserido. Conforme sublinha Paulo Ferreira, as crises assumiram conformação endêmica ao longo da história contemporânea destes Estados, porém, foi no fim do século XIX que as instabilidades abriram fase de forte pessimismo.

O ano de 1898 foi significativo para a história espanhola, por decretar o encerramento de sua trajetória imperial, com a perda dos territórios de Porto Rico, Filipinas e Cuba, para os Estados Unidos. O “Desastre” repercutiu nos meios intelectuais espanhóis, ao delinear a geração de pensadores com concepções comuns, de suspeitas em relação à modernidade e condenação do materialismo. Com as perdas dos territórios coloniais, as questões acerca das formas de manutenção da identidade nacional firmada na tradição, sem abdicar do projeto de modernização, tornaram-se candentes aos pensadores da “geração de 1898”, diante da incapacidade de acompanhar os avanços dos países vizinhos. (GOUVEIA, 2011, p. 2-3).

A partir da necessidade de redefinir o lugar da Espanha na balança diplomática da Europa, houve a maior preocupação em aproximar-se dos países hispano-americanos. Para Angel Ganivet, a separação daqueles países de Espanha foi promovida por iniciativa do “espírito de rebeldia”, influenciados inicialmente pelas ideias francesas. Dizia ele que “se

Espanha deseja recuperar seu posto, tem que esforçar-se por restabelecer seu próprio prestígio intelectual e rápido, para alcançar à América e implanta-lo sem aspirações utilitárias”¹⁵⁵ (GANIVET, 1897, p. 108). Ganivet sinalizava que, a partir da abertura do século XIX, havia tido início a deterioração da hegemonia da metrópole no interior de suas colônias e a sedução de concepções políticas estrangeiras, o que levou à ruptura. Ao identificar alguns aspectos do desgaste político ocorrido por Espanha perante suas ex-colônias, houve a atenção em apresentar acordos estratégicos de cooperação, desqualificando qualquer iniciativa de recuperação territorial via anexação bélica.

Por outro lado, Ganivet estabelecia quais seriam os territórios destinados às aproximações mais estreitas e aqueles preteridos. Elaborou, desta forma, um escalonamento rácico, apresentando os africanos na base de sua organização hierárquica, e colocando americanos e asiáticos em patamar superior ao mencionar que “as raças africanas não são comparáveis às americanas ou asiáticas, estão em um grau bastante inferior e não podem resistir à cultura europeia.”¹⁵⁶ (GANIVET, 1897, p. 131). Embora Ganivet compreendesse a forma de colonização ibérica como a fundadora de civilizações, por ser revestida pelo espírito cristão, estabelecia igualmente condições para que este se desenvolvesse sobre os povos colonizados, pois:

O verdadeiro cristianismo, não como uma aspiração filantrópica em favor de raças inferiores, mas como uma ciência conscientemente professada, é impróprio aos povos primitivos e só cria raízes quando acompanhado pela ação permanente de uma raça superior, isto é, quando esse povo primitivo se confunde pelo caminho comum ou pelo cruzamento com uma raça civilizada que o domina e educa, como aconteceu nas cidades descobertas e subjugadas pela Espanha¹⁵⁷. (GANIVET, 1897, p. 24).

Em virtude da função desempenhada pela religiosidade no processo de formação civilizacional, Ganivet a entendia como fundamento do espírito da nação, ainda que considerasse que as religiões fossem mutáveis conforme alteração da mentalidade dos cidadãos. Acreditava que o próprio processo de colonização e civilização sofria determinação das bases religiosas. Assim, buscava reverter interpretações que definiam as nações aderentes ao protestantismo como mais desenvolvidas e prósperas em detrimento das católicas (GANIVET, 1897, p. 26). Esta crítica ao protestantismo era partilhada por Unamuno (1938, p. 43), ao colocar a religião da Reforma como uma das responsáveis pela corrupção do cristianismo, visto que a conversão do *Verbo* em escrita resultou na morte da eucaristia, segundo o autor.

Tal combate ao protestantismo é reflexo da necessidade de reagir ao avanço dos EUA frente aos domínios espanhóis, nos finais do século XIX, e consolidação do domínio estadunidense nas primeiras décadas do século seguinte. Assim, firmavam-se as bases de combate entre o paradigma da modernidade defendido pelos anglo-saxões (e adeptos do protestantismo) contra os pilares humanistas do mundo ibérico (CAPELATO, 2003, p. 38). Neste sentido, havia a necessidade de comunhão identitária das ex-metrópoles e suas antigas possessões territoriais, como forma de resistir ao avanço estadunidense, e uma das alternativas estava no ibero-americanismo, defendido tanto por Ganivet como por Unamuno.

Por outro lado, Miguel de Unamuno condenava não somente o protestantismo como também a vinculação da religiosidade, de modo geral, ao Estado, acusando tal junção de

¹⁵⁵ “Si España quiere recuperar su puesto ha de esforzarse para restablecer su propio prestigio intelectual y luego para llevarlo a América e implantarlo sin aspiraciones utilitarias” (Tradução livre).

¹⁵⁶ “las razas africanas no son comparables a las americanas ó asiáticas, están en un grado bastante inferior y no pueden resistir a la cultura europea...” (Tradução livre).

¹⁵⁷ “El verdadero cristianismo, no como aspiración filantrópica en favor de razas inferiores, sino como ciencia conscientemente profesada, es impropio de pueblos primitivos y solo arraiga en éstos cuando le acompaña la acción permanente de una raza superior, es decir, cuando ese pueblo primitivo se confunde por la vía común ó por el cruce con un pueblo civilizado que le domina y le educa, como ocurrió en los pueblos descubiertos y subyugados por España.” (Tradução livre).

aspectos específicos ao paganismo (UNAMUNO; GANIVET, 1912, p. 131-132). Sua crítica à expansão da religiosidade para esferas políticas, que rompia com a premissa de “dar a César o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus”, afetava igualmente as propostas políticas, com ênfase ao corporativismo desenhado pelos movimentos conservadores inspirados pela *Encíclica Rerum Novarum*, que buscavam restituir o contato entre Estado e Igreja, rescindido pelo liberalismo. Este aspecto causará estranhamento por parte de grupos nacionalistas católicos, espanhóis e portugueses, com Unamuno, com destaque ao Integralismo Lusitano, conforme poderemos observar à frente.

Para Unamuno, portanto, “as religiões pagãs, religiões do Estado, eram políticas; o cristianismo é apolítico. Porém, como desde que se fez católico, e romano, se paganizou convertendo-se em religião do Estado – (...) - se fez política.”¹⁵⁸ (UNAMUNO, 1938, p. 81). Unamuno apresentava seu repúdio à contaminação materialista aos assuntos espirituais. Negava com veemência a promiscuidade das relações econômicas e sociais com as bases do cristianismo. Rechaçava qualquer interpretação bíblica que associasse ou rejeitasse o contato da fé católica à democracia, ao nacionalismo ou qualquer outro assunto de cunho materialista.

Percebe-se que os discursos iberoamericanistas não eram homogêneos ou consonantes, visto que Ganivet associava a religiosidade ao espírito nacional (GANIVET, 1897, p. 68) e entendia este como um dos laços para a união entre a Espanha e os demais países de língua espanhola, enquanto Unamuno condenava tal interpretação para a relação entre política e religiosidade. Por outro lado, encontravam coesão no interesse em desenvolver alternativas de retirar a Espanha do decadentismo político, diplomático e econômico do final do século XIX. Todavia, se os objetivos eram semelhantes, as formas de realiza-los encontravam seus ruídos. Em debate com Unamuno, Angel Ganivet demonstrava-se impaciente diante do estágio de torpor em que seu país se encontrava quando posto ao lado das demais potências:

Ser-me-á dito que a África já está distribuída como pão beneditino; mas o mundo também estava dividido, ou um pouco menos, entre a Espanha e Portugal, e você vê onde ele chegou. Em nossos dias, temos visto doutrinas novas como Monroe e proteção de interesses, ocupação efetiva e arrendamento¹⁵⁹. (UNAMUNO & GANIVET, 1912, p. 86-87).

Ganivet alimentava seu projeto de ampliação das áreas de influência espanholas com ênfase nas formas de desenvolvimento que estas possuíam em detrimento dos modelos de colonização mantidos por outras potências. Aos termos sustentados, Unamuno rebatia por crer que o modelo proposto nada mais seria que o desrespeito às tradições e identidades nativas, com a imposição imperialista. Segundo Unamuno, “mais de uma vez se tem dito que o espanhol tratou de elevar o índio a si, e isto não é, ao fundo, mais uma imposição de soberania”¹⁶⁰ (UNAMUNO & GANIVET, 1912, p. 35, grifo do original). Ferreira (2016, p. 123) disserta que “Unamuno opunha-se à retórica da ‘fraternidade ibero-americana’, que para si apenas servia para esconder uma profunda ignorância da Hispano-América e incluir um sentimento infundado de superioridade.”

As críticas de Unamuno ao projeto de expansão de influências ibéricas sobre os territórios anteriormente perdidos em disputas imperialistas não devem ser confundidas com

¹⁵⁸ “las religiones paganas, religiones del Estado, eran políticas; el cristianismo es apolítico. Pero como desde que hizo católico, y además romano, se paganizó, convirtiéndose en religión del Estado – (...) – se hizo político.” (Tradução livre).

¹⁵⁹ “Se me dirá el África esta ya repartida como pan benedito; pero también estuvo repartido el mundo ó poco menos entre España y Portugal, y ya ve usted á onde llegado. En nuestros días hemos visto aparecer doctrinas flamantes como la de Monroe y la de protección de interés, la de ocupación efectiva y la del arrendamiento.” (Tradução livre).

¹⁶⁰ “Más de una vez se ha dicho que el español trató de elevar el indio a sé, y esto no es en fondo más que una imposición de soberanía.” (Tradução livre).

a rejeição a qualquer proposta do tipo. Ao rejeitar a alternativa de Ganivet, Unamuno contemplou modelo de livre colaboração entre os países ibéricos e os americanos, considerando igualmente o Brasil. Logo, há a redefinição dos projetos de hispanismo, salientando as divergências entre os dois autores.

O debatedor de Ganivet criticava, por outro lado, a dificuldade de diálogos entre Portugal e Espanha, fato que fornecia obstáculos à organização de forças entre os dois países. Mesmo com o destaque à preservação da soberania interna, portanto sem incutir em perda de autonomia dos respectivos países, como modo de reagir à escalada de poder das potências rivais, Unamuno esforçava-se pelo convencimento do diálogo que entendia ser frágil.

De maneira espelhada no continente americano tal indisposição entre falantes do castelhano e do português se repetia: “E agora são as Repúblicas do Prata tem tão pouco, ou tão mal conhecidas, as produções literárias e científicas do Brasil como aqui são as de Portugal? Não sei o motivo, mas devo suspeitar que sim”¹⁶¹ (UNAMUNO, 1911, p. 22-23). A observação não se restringe a apontar o distanciamento entre nações vizinhas e de proximidade linguística. Unamuno apreciou a relação estratégica que poderia ser desenrolada caso as fronteiras fossem superadas: “Um providencialista acreditaria que, tendo colocado ali Deus uma grande nação de língua portuguesa entre as nações de língua espanhola, será um dia integrado lá, como aqui será integrado, o espírito ibérico comum, ao qual eles estão de acordo e além do oceano reservado ótimo destino.”¹⁶² (UNAMUNO, 1911, p. 23).

Considerados estes embates, nenhum dos autores espanhóis apresentados fomentava a iniciativa beligerante sobre os países em que se nutria a ambição de expandir seu raio de influência nacional, ou construir nova identidade, respaldada no “espírito” ibérico, e através da coesão transnacional. Ainda que fosse acusado por Unamuno, pelo seu ímpeto civilizatório sobre os territórios americanos, Ganivet rechaçava qualquer mobilização com o objetivo de anexação por intermédio de manobras militares, pois acreditava que “uma nação não se impõe somente pelas forças militares e vanais; necessita ter ideias flexíveis e que prestem à rápida difusão”¹⁶³ (GANIVET, 1897, p. 87).

A vulnerabilidade econômica interferia nos projetos militares. Embora Ganivet não presenciasse integralmente a campanha malsucedida do Marrocos, por ter se suicidado no final do século XIX, foi consonante, até certa medida, com a iniciativa de estabelecer laços diplomáticos entre antigas metrópoles e suas ex-colônias, rechaçando a anexação pelo uso de armas.

Colocava-se a pensar, portanto, os caminhos para a retirada da Espanha do “Desastre”, com o intuito de associar-se à modernidade na qual os demais europeus se inseriam. Por outro lado, apresentava as preocupações no sentido desta modernização afetar a identidade tradicional que os definia enquanto nação.

Tais temores afetaram os intelectuais de Portugal, com maior vigor, a partir do *Ultimatum* britânico. Por interesse em abordar as consonâncias e tensões nos diálogos, as análises se conservarão sobre os integralistas lusitanos, com destaque ao pensamento de António Sardinha. O grupo criado entre 1913 e 1914, a partir da experiência do exílio, do contato com o conservadorismo internacional, com destaque à Ação Francesa¹⁶⁴, e

¹⁶¹ “Y ahora, son en las República del Plata tan poco ó tan mal conocidas las producciones literarias y científicas del Brasil como aqui son poco conocidas las de Portugal? No sé por qué me inclino a sospechar que sí.” (Tradução livre).

¹⁶² “Un providencialista creería que el haber metido Dios ahí un gran nación de habla portuguesa entre las naciones de habla española es para un día se integre ahí, como aquí se integrará, el común espíritu ibérico, al que le están aquende y allende al Océano reservados tan gran destinos.” (Tradução livre).

¹⁶³ “una nación no se impone solo con fuerzas militares y navales; necesita tener ideas flexibles y que se presten à una rápida difusiones” (Tradução livre).

¹⁶⁴ *L’Action Française*, surgida no final do século XIX, utilizou do Caso Dreyfuss como detonador para seus ataques à “estrangeirização” (colocada em prática – segundo Charles Maurras – pelos judeus, protestantes e franco-maçons). O Caso Dreyfus ocorreu em 1899. Grosso modo, consiste no julgamento do militar judeu Alfred Dreyfus, acusado pelo governo e pelas forças armadas francesas, de vender segredos de guerra para a Alemanha. Mais tarde, descoberta a fraude nas acusações, houve a divisão da opinião pública entre os pró-

mobilizado pelo antiliberalismo e pelo monarquismo orgânico, formou-se com o intuito de recuperar o “Portugal português”, ou seja, de firmar-se no nacionalismo tradicionalista.

Em 1915, foi realizado ciclo de Conferências na Liga Naval. Neste, foi tratada a Questão Ibérica, ou seja, sobre os riscos a que Portugal estava submetido, pelo imperialismo espanhol. Apesar de haver distinções sobre os assuntos e áreas exploradas, as conclusões caminharam para o alerta da possível anexação de Portugal. Pequito Rebelo, membro do Integralismo Lusitano, embora dissertasse sobre aspectos econômicos, estabeleceu considerações sobre as relações diplomáticas na Península Ibérica. Destacou os pontos negativos do expansionismo e do imperialismo, com exemplos na história nacional, pelo esvaziamento de braços nas terras agricultáveis.

Por outro lado, Rebelo estabeleceu fronteiras entre o nacionalismo e o imperialismo: “ao definir a via de um método positivo quais os limites do nacionalismo que o livram e degeneram nessa forma doentia – o imperialismo.” (REBELLO, 1916, p. 151). Para Pequito Rebelo, o imperialismo seria o efeito colateral do individualismo social, incomum na sociedade municipalista lusitana medieval e do século XVI. Por outro lado, dada a natureza étnico-cultural heteroclita da composição espanhola, o imperialismo estava imerso neste meio social, o que representou risco para Portugal, desde sua formação enquanto Estado-Nação (REBELLO, 1916, p. 163).

Nesse ciclo de palestras, António Sardinha possuía percepção distinta da sustentada por Rebelo, embora suas conclusões caminhassem, igualmente, para o temor da anexação. Sardinha manteve contato com o país vizinho desde 1909, com os Jogos Florais de Salamanca, onde adquiriu reconhecimento e inserção na corte espanhola, contato que contribuiu para as divergências com Rebelo. Embora afirmasse que “Castela cubiça-nos desde que é Castela. As suas aspirações nunca satisfeitas são naturais, são conseqüentes, como centro de gravitação procurando submeter a parte desgarrada do todo” (SARDINHA, 1916, p. 26), situou como maior risco de desestabilização de Portugal, aquele dentro de suas fronteiras, ou seja, a ação silenciosa dos estrangeiros do interior.

Não seriam os espanhóis, mas a maçonaria, o principal responsável pelo risco de perda da soberania nacional. Diante dos desequilíbrios políticos e dos espasmos sociais sofridos por Portugal, a invasão de Castela seria realizada através do convite de Portugal: “a solução intervencionista é lógica, e natural como as coisas que o são, quando um importuno nos incomoda e coloca em risco de quebrar o nosso próprio sossego, a nossa própria disciplina.” (SARDINHA, 1916, p. 13).

Pelas ameaças de que a instabilidade atravessasse a fronteira, Sardinha entendia ser a intervenção espanhola compreensível, em vista do cenário interno português. O modo de conter os riscos estaria na expulsão da maçonaria de Portugal. Feita a estabilização interna, se poderia desenvolver relações diplomáticas com a Espanha, sem o perigo de anexação: “a fórmula de amanhã em política exterior ha-de ser sem duvida, não a *união-ibérica*, mas a *aliança-peninsular*” (SARDINHA, 1916, p. 27). O projeto de aliança peninsular não era unânime, tampouco hegemônico, no interior do Integralismo Lusitano.

As polêmicas em torno do perigo espanhol para as fronteiras portuguesas se arrastaram até o fim da década de 1910. Em “A lição de Bismarck”, artigo escrito entre os fins dos anos 1910 e início da década de 1920, mas publicado na coletânea *Sob o Pendão Real*, Almeida Braga, representante do movimento integralista, apresentava sua discordância com Sardinha acerca do panorama político de Portugal e Espanha: “a republica portuguesa tornou-

Dreyfus, reivindicando o julgamento justo; e os anti-Dreyfus, que consideravam a honra do exército e do Poder inatingíveis, devendo permanecer intactas diante do Caso. Subterrâneo a tais polêmicas, o processo contra Dreyfus serviu de combustível ao antissemitismo na França. Aspecto que não foi ignorado pela *l'Action Française* para promover seu nacionalismo. A partir da premissa nacionalista, sustentada pelo antissemitismo e xenofobia incitados pelo julgamento, *l'Action Française* teceu projeto político calcado nas tradições históricas da França, ou seja, no passado medieval, onde o corporativismo sobrepujava ao individualismo. Deste modo, o movimento buscava a essência nacional, afastada das “corrupções” vindas exterior. Sob as propostas escoradas no tradicionalismo e no catolicismo se desenvolveu a alternativa ao liberalismo que, segundo Maurras, era a porta de entrada para a barbárie estrangeira. (CAZETTA, 2016, p. 400-401).

se para Espanha um apetitoso manjar. A anarquia em que vivemos aguçou-lhe o apetite, acendeu a cobiça com que nos olha” (BRAGA, 1942, p. 320). Apesar de afirmar a maçonaria como uma das origens dos distúrbios sofridos por Portugal, Braga apontava a República como risco em potencial para a soberania. Ao depor a Monarquia, o país tornava-se vulnerável, pois abdicava do pacto histórico selado com a Inglaterra. Além disso, a Espanha, inimiga diplomática tradicional, era vista com desconfiança não apenas por Almeida Braga, mas por grande parte dos membros do Integralismo Lusitano.

Em 1919, degredado de Portugal em vista das tentativas de golpe da Monarquia do Norte¹⁶⁵ e de Monsanto¹⁶⁶, Sardinha buscou reverter estas sensações partilhadas por seu grupo. Sua escolha pela Espanha como país a recebê-lo no exílio não foi aleatória. Anterior ao julgamento dos levantes, Sardinha possuía residência em Elvas, cidade portuguesa fronteira com Badajoz, na Espanha.

Deste modo, seu primeiro abrigo seria na Estremadura, haja vista o conhecimento da região, bem como a situação política para se instalar. Através do endereço destinatário e dos selos postais fixados no cabeçalho de *A Monarquia*, tem-se o conhecimento de que, já em 20 de agosto de 1919 (A MONARQUIA, 1919), Sardinha encontrava-se instalado em Badajoz, Espanha, e, ao longo de sua estada naquele país, recebeu correspondência ora no Hotel Garrido, em Badajoz, ora na Calle (rua) Arenal, 26, Pension Harraiz, Madrid. Durante o período do degredo, Sardinha alterou sua perspectiva em relação à política diplomática luso-espanhola. Sobre o assunto, o mentor intelectual do IL afirmava:

Quando vim para o exílio trazia contra a Espanha todos os preconceitos da minha inteligência e da minha sensibilidade. (...). E ainda aprendera lentamente, mas com juízo seguro, a corrigir bastantes das prevenções do meu patriotismo alarmado ao iniciar em abril de 1915 na Liga Naval as conferências da “Questão Ibérica”. (SARDINHA, 1919, p. 1).

Através de suas experiências no exílio, Sardinha buscou modificar a concepção nacionalista do Integralismo Lusitano de aversão à Espanha. Esta reversão da sensação de desconfiança dos integralistas ao país vizinho se fez com o objetivo de estabelecer o projeto de Aliança-Peninsular, que seria exposto em obra de mesmo nome em 1924, publicada na Espanha em 1930, com prefácio de Conde de Santibañez del Rio.

Esta tentativa de revitalizar a Espanha proporcionou a inserção de periódicos do integralismo lusitano naquele país. A campanha proporcionou a abertura de um posto de vendas de *A Monarquia* em Madrid na Calle Demetria Esteban, Puerta Del Sol, 11 y 12 (A MONARQUIA, 1919A). Porém, a alteração das concepções estabelecidas, tal como a Aliança Peninsular, são intenções que não encontraram boa acolhida entre os colegas em Portugal. Em *A Monarquia* expressava-se, ainda 1919, a desconfiança exposta em 1915, nas conferências sobre a “Questão Ibérica”:

Não discordamos duma política de aproximação com o País vizinho, uma política tendente sobretudo á criação de um grande bloco latino-americano, que nos colocasse ao abrigo de perniciosas influencias externas, sejam inglesas, sejam germânicas. Mas que cuidados, de que melindrosas precauções não teremos de rodear nosso pobre paiz, aniquilado e exausto sob todos os pontos de vista, para podermos estabelecer esse acordo, em bases equitativas, com a poderosa Espanha, cheia de dinheiro e de energias, de força e combatividade. (REDACÇÃO, 1919B, p. 1).

¹⁶⁵ Monarquia do Norte consistiu em tentativa de golpe à República, ocorrida na cidade do Porto, fracassou em 1919.

¹⁶⁶ Revolta de Monsanto foi outro levante monárquico, que afetou a cidade de Lisboa, igualmente fracassado em 1919. Estes eventos resultaram na deportação de diversos membros do Integralismo Lusitano, o que proporcionou contato ampliado com concepções de extrema direita e conservadoras.

Cabe a reflexão levantada por Pierre Bourdieu, acerca da intencionalidade em se estabelecer o diálogo ou veto internacional entre intelectuais. As restrições e intercâmbios ocorrem ao considerar, *a priori*, as questões nacionais dos requerentes das conversações, ou, mesmo antes disso, às questões internas dos grupos em questão. Assim, Bourdieu (2002, p. 2) sustenta que, dentro do campo intelectual, como em qualquer outro espaço social, a aparente solidariedade letrada é mediada por interesses internos, nacionalismos, pré-conceitos e estereótipos. É necessário, portanto acompanhar as tensões internas e entre os grupos em diálogo, no intuito de buscar a trajetória dos interesses inerentes a cada projeto (individual ou coletivo) em disputa.

Observa-se a complexidade dos debates do período acerca dos hispanismos (e não somente um *hispanismo*). Conclui-se ser arbitrária a afirmação de coesão entre os projetos de unidade, se não territorial, ao menos identitária, espiritual ou em relação à colaboração política e econômica. As dissonâncias entre os seus respectivos construtores são evidentes em suas propostas, desenvolvimento e articulação teórica para colocá-las em prática. Se Sardinha aproximou-se de Ganivet diante das definições de “raça” e “espírito” como definidores ampliados e expandidos da nacionalidade, não deixou de nutrir seus interesses em restabelecer a Portugal o lugar perdido diante do cenário diplomático e geopolítico europeu. Antes do hispanismo proposto, Sardinha, como integralista, defendia, tal como Ganivet ou Unamuno no caso espanhol, a consolidação de uma ideia-diretriz capaz de “reaportuguesar Portugal” (REDACÇÃO, 1922-1923, p. 1).

A situação não se torna menos complexa ao analisar os grupos intelectuais, onde alguns elementos sustentam tais projetos. O mentor do Integralismo Lusitano vislumbrava Aliança Peninsular, projeto que seria realizado entre os países da península Ibérica e os ibero-americanos, frutos da ação de semeadores de civilizações. Traçando referência ao Império Romano, ao apresentar seu projeto expansionista, Sardinha expunha: “de fato, na preponderância já definida dos países americanos, o Atlântico se tornará, na vida social do planeta, um mar interior, o lago doméstico da civilização, como antes era o Mediterrâneo.”¹⁶⁷ (SARDINHA, 1930, p. 275).

Considerações finais

Se António Sardinha foi o principal mentor do Integralismo Lusitano, sua projeção não foi suficiente para que adquirisse unanimidade sobre sua tentativa de revitalizar confiança de parte considerável dos integralistas em relação ao país vizinho. A proposta de hispanismo sustentada por Sardinha não caminhou solitária, por conseguir arregimentar adeptos à sua causa. Todavia, também não esteve livre de oposição, conforme foi visto anteriormente, na descrença de tal vínculo, apresentada nas palavras de Almeida Braga ou mantida em artigo “Nós e a Espanha”, publicado em um dos periódicos centrais do movimento.

Por outro lado, caso de consonância com Sardinha foi representado pelo autor Afonso Lopes Vieira¹⁶⁸. O autor saúda o Brasil: “Saudemos ao Brasil o adolescente heroico nosso herdeiro continuador da raça e língua nossas, mantenedor da Lusitanidade e do seu ritmo imortal.” E, fazendo eco ao projeto de União Peninsular, defende, na *Revista América Brasileira*, publicada no Rio de Janeiro: “Nesse dia – sem duvida longínquo mas de certa aurora – se há de constituir no mundo, com a Espanha nossa irmã e a America das duas línguas da Península madre, a Aliança fraternal e gigantesca – o nosso ‘Quinto Império’ do nosso mito nacional.”(VIEIRA, 1924, p. 96).

Embora os projetos de unidade hispânica ou hispano americana possam ser originados de membros de determinados grupos, conservadores no caso do integralismo de

¹⁶⁷ “efectivamente, en la preponderancia ya definida de los países americanos, el Atlántico va a volverse, en la vida social del planeta, un mar interior, el lago doméstico de la civilización, como antes fué el Mediterráneo.” (Tradução livre).

¹⁶⁸ O qual Sardinha descreve da seguinte forma: “tanto quanto lho permite o seu temperamento recluso de poeta, Afonso Lopes Vieira é até um dos melhores amigos do movimento integralista” (SARDINHA, 1978, p. 80).

Sardinha, deve-se atentar para as tensões internas e o desgaste sofrido por disputas para que o projeto pudesse ser mantido. Portanto, é importante pensar as fissuras existentes entre grupos intelectuais, políticos etc., ainda que partilhem de valores, códigos e identidades comuns que os definam enquanto conjunto.

O fato de ter autores e intelectuais adeptos do mesmo objetivo, igualmente, não os torna imediatamente próximos em seus diálogos, conforme pode ser percebido nos textos de Sardinha, Ganivet e Unamuno. A relação entre projeto e seu criador pode se dar de formar distintas, com maior proximidade com ímpetus imperialistas ou de partilha de experiências e códigos de identidade que conspiram para a aproximação sem a hierarquização nacional ou étnica. Tais divergências, entretanto, não criam barreiras intransponíveis para a conversação entre os intelectuais, embora mantenedores de propostas dissonantes de unidade ou colaboração transnacional.

Ferreira (2016, p. 122) apresenta o papel fundamental de Ganivet como inspiração, não apenas em Espanha como em Portugal, acerca da temática do hispanismo. Conforme visto, Unamuno apresentava ressalvas em diversos pontos com relação aos projetos de Ganivet, em aspectos voltados desde a associação da política com a religiosidade, até às formas de “civilizar” e de “civilização” destacadas pelo autor de *Idearium Español* e criticadas com severidade por Unamuno, por sustentar na concepção de civilização falso sentimento de superioridade (FERREIRA, 2016, p. 121-122). Portanto, Unamuno não percebia nas ex-colônias hierarquia em relação à Espanha, destituindo-a da postura de semeadora de civilizações. Fomentava sim o trânsito e o diálogo entre as partes que buscavam envolvimento.

O intercâmbio, embora revestido por dissonâncias, foi percebido igualmente com Sardinha. As preocupações do Integralismo Lusitano em relação ao que era escrito, à vida intelectual ou à situação interna de Espanha não estavam restritas a Sardinha, mas permearam periódicos do movimento, durante a vida do principal mentor intelectual do grupo, e mesmo após sua morte.

Em período de exílio de boa parte dos membros do integralismo, em 1919, *A Monarquia* explorou a permanência de Sardinha na Espanha, e demonstrou interesse em estreitar relações com intelectuais conservadores, tais como o Marques de Quintanar. Isto fica posto em nota de sua visita a Lisboa, presente no número 617, de 9 de dezembro de 1919; ou apresentando as sensações positivas despertadas por Sardinha na aristocracia do país vizinho, enquanto exilado, na edição de 11 de dezembro de 1919.

Se Quintanar era abordado pelo *A Monarquia* de forma amena e receptiva em 1919, o mesmo não pode ser dito ao tratamento dispensado a Unamuno no periódico *Política*, em seu número 12, portanto, passados cinco anos após a morte de Sardinha. Neste, Unamuno é acusado por Dutra Faria de lançar “a geração nova da Espanha na tremenda anarquia mental em que hoje se encontra...” (FARIA, 1930, p. 14) em função das críticas e da posição contrária do espanhol ao fascismo, em oposição à simpatia nutrida pelos integralistas de gerações posteriores a Sardinha, em largo processo de fascização que se desdobrou na formação do Nacional-Sindicalismo (cf.: PINTO, 1994).

Deste modo, buscou se examinar as relações existentes entre intelectuais de Portugal e Espanha, assim como o intercambio entre seus projetos de coesão, organização ou cooperação transnacional com o intuito de retirar seus países do contexto de declínio político e econômico em que se encontravam entre os finais do século XIX e início do XX. Por outro lado, sublinha-se que os objetivos em comum não resultaram em solidariedade de forma automática, diante das peculiaridades que revestiam cada projeto político.

Referências

A MONARQUIA. Diário Integralista da Tarde. Director; Conde de Monsaraz; Redactor Chefe: João do Amaral. Lisboa, Quinta-feira, 27 de Agosto de 1919, nº 527. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.

A MONARQUIA. Diário Integralista da Tarde. Director; Conde de Monsaraz; Redactor Chefe: João do Amaral. Lisboa, Terça-feira, 7 de Setembro, 1919^a, nº 763. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.

BAGGIO, Kátia Gerab. Iberismo, hispanismo e latino-americanismo no pensamento de Gilberto Freyre. **Estudios del ISHIR**, Rosário, v. 2, n. 2, p. 109-131, 2012.

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das ideias. **Enfoques**. v. 1, n. 1, p. 1-12, 2002.

BRAGA, Luiz de Almeida. A lição de Bismarck. In: _____. **Sob o pendão real**. Porto: Edições Gama, 1942. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: B.R. 7669.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e na Hispanoamérica. **História**, São Paulo, v. 22, n. 2, 2003.

CAZETTA, Felipe. A Revista América Brasileira e sua trajetória ao conservadorismo: análise de projetos políticos (1921-1924). **Fênix**, v. 11, n. 1, jan.-jun., 2014.

_____. **Fórmulas antidemocráticas em terras luso-brasileiras**: análises em torno do Integralismo Lusitano e da Ação Integralista Brasileira (1914-1937). 2016. 440 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador . Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial, 1998.

FARIA, Dutra. Unamuno. **Política**. Revista quinzenal – órgão das Juntas Escolares de Lisboa, Coimbra e do Porto do Integralismo Lusitano de. Lisboa: 15 de maio, 1930. N. 12.

FERREIRA, Paulo Bruno Rodrigues. **Iberismo, Hispanismo e seus contrários**: Portugal e Espanha (1908-1931). 2016. 405 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

GANIVET, Angel. **Idearium español**. Granada: Vda. E Hijos de Paulina V. Sabatel, 1897.

GARRETT, J. B. Almeida. **O romanceiro**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. Disponível em: <<http://purl.pt/924>>. Acesso em: 3 fev. 2013.

GOUVEIA, Regiane Cristina. A “Geração de 1898”, o “Desastre” e a retomadas das relações entre a Espanha e as repúblicas Hispanoamericanas. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

GRUZINSKI, Serge. **A águia e o dragão**: ambições e mundialização no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PINTO, Antonio Costa. **Os Camisas Azuis**: ideologias, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2013.

QUENTAL, Antero de. Carta autobiographica. In: _____. **Raios de extincta luz**: poesias ineditas (1859-1863). Lisboa: M. Gomes, 1892. p. XXXII. Disponível em: <http://purl.pt/3470/4/l-8924-p_PDF/l-8924-p_PDF_01-B-R0150/l-8924-p_0000_capa-260_t01-B-R0150.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2012.

REBELLO, José. Aspectos económicos. In: **A questão ibérica**. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1916. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 99231V.

REDACÇÃO. Nós e a Espanha. **A Monarquia**: Diário Integralista da Tarde. Director; Conde de Monsaraz; Redactor Chefe: João do Amaral. Lisboa, Quinta-feira, 30 de Outubro, 1919B. nº 586. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.

REDACÇÃO. Porque Voltamos. **Nação Portuguesa**: Revista de Cultura Nacionalista. Lisboa: 2 série, 2 vol. 1922-1923. p. 1. Real Gabinete Português da Leitura: CDU 050, RGPL 4UU5. Registro: 104444.

RIBEIRO, João. Latinos-Americanos. **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional. Ano 1. n. 5. Rio de Janeiro: Abril, 1922. p. 38. Biblioteca Nacional. Setor: Obras Raras. Localização: PRSOR 63125.

ROBERTS, Stephen G.H.. Hispanidad: El desarrollo de una polémica noción en la obra de Miguel de Unamuno. **Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno**, n. 39, p. 61-80, 2004.

SARDINHA, António. Território e raça. In: **A questão ibérica**. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1916. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 99231V.

SARDINHA, António. A descoberta da Espanha. **A Monarquia**: Diário Integralista da Tarde. Director; Conde de Monsaraz; Redactor Chefe: João do Amaral. Lisboa, Sexta-feira, 5 de Setembro, 1919. nº 541. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.

SARDINHA, António. Madre-Hispania. **Nação Portuguesa**: Revista de Cultura Nacionalista. 3ª série. 1924. – Real Gabinete Português da Leitura: CDU 050, RGPL 4UU6. Registro: 207116.

SARDINHA, António. **La Alianza Peninsular**. Prólogo de Ramiro de Maeztu. Tradução para o espanhol de Marques de Quintanar, Conde de Santibañez Del Rio. Madri: Junta de Propaganda Patriótica y Ciudadana, impresso por Saez Hermanos, 1930.

SARDINHA, António. **Ao ritmo da ampulheta**. 2. ed. Lisboa: qp, 1978.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 10, p. 75-93, dez. 2012.

UNAMUNO, Miguel de. **Por tierras de Portugal y de España**. Madrid: Biblioteca Renacimiento Sociedad Anonima Editorial, 1911.

UNAMUNO, Miguel de. **La agonía del Cristianismo**. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 1938.

UNAMUNO, Miguel de; GANIVET Angel. **El porvenir de España**. Madrid: Renacimiento Sociedad Anonima Editorial, 1912.

VIEIRA, Affonso Lopes. Palavras em Louvor da “Festa da Raça”. **Nação Portuguesa**: Revista de Cultura Nacionalista. 2 série, 2 vol, 1922-1923.

VIEIRA, Affonso Lopes. Saudação ao Brasil. **America Brasileira**: Resenha da vida Nacional. Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, 1924. Biblioteca Nacional. Setor: Obras Raras. Localização: PRSOR 63125.

VRBATA, Ales Tenório Luna. La philosophie maurrasienne et les modalités du Fascisme au Portugal. **Kias Paper**, p. 21-57, 2006. (Cabinet of Ibero-american Studies: Faculty of Humanities: University Hradec Králové). Disponível em: <<http://fhs.uhk.cz/ibero/clanky/papers06.php>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

Recebido em julho de 2017.
Aprovado em maio de 2018.